

Tu eres mi refugio, deja que te bendiga
¡oh Poesía! ideal de bondad y pureza,
que en la vida me das el gozo y la tristeza
y sabes ser amante y sabes ser amiga.

Harta de tanto mal y de odio y de intriga,
es el bien queriendo fuera de la naturaleza,
y en tu augusta, noble y perfecta belleza
que mi alma arrobada dulcemente se abriga.

Llena de ti, feliz, sueña absorba mi alma;
al espacio levanto mis húmedas pupilas
empañadas en llanto de tristezas tempranas,

y allá en lo alto, lejos, siempre impasible y calma,
veo las curvas celestes, espléndidas, tranquilas,
como un palio que cubre las miserias humanas.

Afonso Lopes de Almeida, Soneto a la Poesía

Bendito seas tu, mi gran dolor,
tu que me abates de melancolias,
y transformas la sombra de mis días,
en cánticos de gloria y de fulgor.

Solo aquellos que sufren por amor
lentas torturas, hondas agonias,
pueden rimar en frágiles poesías
toda la inmensa gracia de una flor.

Yo te bendigo mi dolor constante
que purificas todo sentimiento
y estimulas el alma vacilante.

Bendito seas tu mi gran dolor,
que iluminas radiante el pensamiento,
y simbolizas toda mi labor.

Osorio Dutra, Mi dolor

Reí a la luz, desprevenida.
Reí al día, sin temer.
Mi corazón le di a la vida
¡yo que juzgaba ya entender!

Ninguna angustia incontentada
logró alucinar mi ser.
Ningún presagio de partida
la muerte me hizo comprender.

Esa tragedia que me acalma
estaba en todo y no la vi.
Había sol, y azul, y calma...

Y miserable no sentí
despedazarse, rota, el alma,
en aquel día en que morí.

Rosalina Coelho Lisboa, Inconsciencia

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 02 – 2010, FEVEREIRO
Assinatura até 31.12.10: 10 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Qué pena. No está completa la novela fantasia.
¿Hubo una mano indiscreta?
¿Lo mejor, ay, robaría?
Años enteros, personas, fardos, misteriosas zonas
que ya nadie ha de explorar.
Capítulos de novela
navegan a toda vela
perdidos en alta mar.

Gerardo Diego 1896-1987, Faltan capítulos,
Versos Escogidos, 1970
Editorial Gredos, S.A., Madrid

Praia Maria Farinha,
verde mar, coqueiros, flores.
Brisa que passa e acarinha
sonhos, enlevos, amores...

Clotilde Filipak, 0702 Acontecências
Rua Manoel F. Albuquerque 457
53427-270 – Paulista, PE

Por duas Marias erra
meu viver de déu em déu:
– a que me perde, na terra;
– a que me salva no céu.

J. G. de Araújo Jorge, 1001
Trovia
alu@mgalink.com.br

Mimosinha me beijou
e correspondi tão bem
que a mamãe dela flagrou
e o papaizinho, também.

João Batista Serra 1002
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia, CE

Sobe o balão que se inflama
e num lampejo a distância
a saudade acende a chama
dos balões da nossa infância!

Rita Mourão, 0912
Koisalinda: Rua Liberdade 182
14085-250 – Ribeirão Preto, SP

O vento leve do estio
espalha as folhas sem dono;
e a terra, fofa, no cio,
se entrega aos braços do outono.

Selma Patti Spinelli, 0911
Bali
kleberleite@terra.com.br

Vou dormir, já é tão tarde,
no regaço do teu peito,
meu coração tanto arde,
este amor não tem mais jeito!

Walter Argento, 0911
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Costumam agora os líricos
versos fazer neste estilo:
“Tu és isto eu sou aquilo,
tu és assada eu assim.”

Artur Azevedo

Até nas flores se encontra
a diferença da sorte:
umas enfeitam a vida,
outras enfeitam a morte.

A velhice tem vigílias,
luta em graves pensamentos;
a mocidade tem sonhos,
a infância pressentimentos,

Francisco

leva a morte a cada instante
uma esperança perdida.
Sonhar, pressentir, pensar...
E nisto se esvai a vida.

Otaviano

Às cantigas que tu cantas
fogem-me as mágoas antigas...
São tão alegres e tantas
as cantigas que tu cantas!

Valentim

Minhas tristezas espantam
com tuas velhas cantigas
as cantigas que tu cantas
fogem-me as mágoas antigas.

Guimarães

Manuel Bandeira, A versificação em língua portuguesa (textos em exemplos de tipos): Enciclopédia Delta Larousse, Tomo VI, 1960



QUIDAIAS DE VERÃO

Escola de samba
no final da apuração
ansiedade crescente.

Alba Cristina

Desfile passando,
súbito os olhos se animam:
lá vem o Rei Momo!
Cecy Tupinambá Ulhôa

Dia muito quente.
Vendedor de picolé
não tem mais nenhum.
Djalda Winter Santos

À entrada do banco,
a canícula lá fora
dá um tempo ao cliente.
Manoel F. Menendez

Crianças brincando,
debaixo do flamboiã,
repleto de flores.
Mª Marlene N. T. Pinto

Sol volta a brilhar
sobre a estrada encharcada:
chuva de verão!
Neuza Pommer

Saracoteando,
ao som do maracatu,
vai-se a foliona.
Roberto Resende Vilela



HAICUS E M FOLHA

Se acoecendo ao sol,
na copa de uma araucária
solitário pássaro. C
Analice Feitoza de Lima

Levando folhinhas,
formigas enfleiradas.
Jardim saqueado. C
Angelica Villela Santos

A verde araucária,
apontando para o céu,
com seu porte nobre. J
Argemira F. Marcondes

Em cima do carro
samba alegre e frajola
o Rei Momo. O
Denise Cataldi

Manhã de piquenique
trabalhadora a formiga,
carrega o almoço. O
Edmilson Felipe

Entre o céu azul
e o cerrado
araucária. J
Larissa Lacerda Menendez

Barriga manchada.
Suor corre na fantasia.
Rei Momo cansado. Y
Lávia Lacerda Menendez

Rei Momo sentado.
Mão apoiada no cetro.
Suor escorrendo. J
Analice Feitoza de Lima

De cetro e coroa,
o Rei Momo vai sambando
na frente do bloco. O
Angelica Villela Santos

Em cima da pia,
salpicado de formigas
bolo destampado. A
Darly O. Barros

Em forma de taça,
araucária altaneira
se ergue ao céu. O
Denise Cataldi

Mês de fevereiro,
a mulata requebra
na festa do Rei Momo. Y
Edmilson Felipe

Sob o corpo suado
camisa molhada
Rei Momo descansa. Y
Larissa Lacerda Menendez

Candidatos
em julgamento a Rei Momo.
Veredito dado. Y
Manoel F. Menendez

Ligeiras formigas,
dividindo com crianças
os doces do prato. O
Analice Feitoza de Lima

Arrancando aplausos,
com muito samba no pé
Rei Momo desfila. B
Argemira F. Marcondes

Na crista da serra
exército de araucárias
em fila indiana... C
Darly O. Barros

É samba no pé!
Rei Momo no carnaval
esbanja alegria. O
Djalda Winter Santos

Rei Momo e a Rainha
desfilando na avenida.
Palmas, muitas palmas. O
Flávio Ferreira da Silva

Vento refrescante.
Na estrada de poeira,
cheiro de araucária. C
Lávia Lacerda Menendez

A passos ligeiros,
formiga carrega folha
maior do que ela. O
Renata Paccolla

Soberba araucária
projeta seus braços verdes
e enfeita a campina. C
Angelica Villela Santos

Menino peralta
desmanchando o formigueiro.
Formigas em fuga. C
Argemira F. Marcondes

De um carro alegórico,
Rei Momo paramentado
saúda seus súditos. O
Darly O. Barros

Chuva rala
no Bosque do Paraná
rega a araucária. j
Edmilson Felipe

Folhas grandes
deslocam-se no muro
formigas em fila. C
Larissa Lacerda Menendez

Sobre a mesa branca,
ponto preto em movimento.
Formiga trabalha. J
Lávia Lacerda Menendez

Momo pega a chave
e abre a porta da cidade –
rei por quatro dias. O
Renata Paccolla

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 28.02.10, enviar até 3 haicus de quigos: Dia das Mães, Folha amarelada, Tucano.
Até o dia 30.03.10, enviar até 3 haicus de quigos: Batata-doce, Bicho-de-pé, Dia do Bombeiro.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

S I M P L E S , B A R A T O E E F I C I E N T E

Veja, 20.01.10 (trecho)

O extraordinário sucesso do programa criado por Zilda Arns, em conjunto com o arcebispo de Salvador, dom Geraldo Majella, é inversamente proporcional à complexidade de seus métodos. O trabalho da Pastoral da Criança, pelo qual ela recebeu uma indicação ao Prêmio Nobel, se baseia na adoção, por parte das mães, de medidas simples, mas que podem salvar a vida de seus filhos. A aplicação do soro caseiro (duas colheres de sopa de açu-

car e uma de sal dissolvidas em 1 litro de água limpa) em crianças desidratadas e a ingestão da multmistura (farinha que aproveita folhas de grãos) para combater a desnutrição, por exemplo, são métodos de eficácia comprovada há muito tempo. O mérito da Pastoral foi fazer com que chegassem a quem precisa. Para isso, o programa se vale do trabalho voluntário – que elimina a logística e os gastos envolvidos em pagamentos e outras burocracias – e de uma metodologia antiaassistencialista, que ensina as mães a cuidar

melhor do desenvolvimento dos filhos em vez de torna-las dependentes de uma organização que o faça. O baixo custo da ação é outro dado surpreendente. O gasto mensal com cada criança da Pastoral é de apenas 1,70 real. A representante do Unicef no Brasil, Marie-Pierre Poirier, avalia: “O Brasil foi um dos países que tiveram maior redução na mortalidade infantil nos últimos vinte anos. O trabalho da Pastoral da Criança foi fundamental para tanto”

Acordo à noite assustado.
Ouço lá fora um lamento...
Quem geme tão tarde? O vento?
Não. É um canto prolongado,
– hino imenso a envolver toda a montanha;
são em música estranha
jamais ouvida,
as árvores ao luar que nasce e as beija,
em surdina cantando,
como um bando
de vozes numa igreja:
Margarida! Margarida!

Alberto de Oliveira, A voz das árvores

Nuvens brancas
passam
em brancas nuvens.

Paulo Leminski

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto, Tecendo a manhã

Quando eu tinha seis anos
ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
porque o bichinho só queria estar debaixo do
fogão!

Levava ele pra sala
pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
ele não gostava:

queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

– O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira
(namorada).

Manuel Bandeira, Porquinho-da-índia

Tengo yo una novia
que novia más guapa!
No encuentro en el mundo ni diosa ni reina
con que compararla.
Es de sangre noble
y de ilustre raza;
lleva a todas horas
la frente muy alta,
que en ella no ha habido ni estigma de afrenta
ni sombra de infamia.
Está siempre hermosa
mi novia del alma:
unas veces viste las tocas severas
de la castellana;
otras veces luce
el traje de charra
con largos collares y cintas de seda
cayendo a su espalda.
En los barrios bajos
la he visto gallarda
ir a la verbena con mantón de flores,
crugiente la falda,
los claveles rojos sobre el negro pelo,
los brazos en jarras
y con un pasito menudo y ligero
que el pie en las baldosas repiqueteaba.
La vi en Barcelona

Sou Chamie,
venho de Damasco.
Franco-egípcio
é o meu passado.
Sírio sou helenizado.

De Damasco
ao meu legado,
sou católico
e islâmico,
copta apostólico
catequizado.

No pórtico
mediterrânico,
sou ático e arábico.
Vou contra o deserto
de desafios contrários.

Sem custo nem preço
que se meça,
em nome de meu gênio
atlântico e adriático,
desprezo a cabeça
e a sentença
de meus adversários,
adversos e vicários.

Sou Chamie, Mário.
Franco-egípcio
é o meu passado.
Por onde entro,
venho de Damasco
pela porta
do apóstolo Paulo.
Sírio sou helenizado.
Venho de Damasco,
por onde saio.

Mário Chamie, Auto-estima

Poeta, cantô da rua,
que na cidade nasceu,
cante a cidade que é sua,
que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
aqui, Deus me ensinou tudo,
sem de livro precisá
por favô, não mêxa aqui,
que eu também não mêxo aí,
cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
aprendeu munta ciência,
mas das coisa do sertão
não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,

nunca trabauiu na roça,
não pode concheçê bem,
pois nesta penosa vida,
só quem prouva da comida
sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
precisa nele morá,
tê armoço de feijão
e a janta de mucunzá,
vivê pobre, sem dinhêro,
trabaiaando o dia intêro,
socado dentro do mato,
de apragata currelepe,
pisando inriba do estrepe,
brocando a unha-de-gato.

Você é munto ditoso,
sabe lê, sabe escrevê,
pois vá cantando o seu gozo,
que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
você canta na cidade,
cá no sertão eu infrento
a fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
bordada de prata e de ôro,
para a gente sertaneja
é perdido este tesôro.
Com seu verso bem feito,
não canta o sertão direito,
porque você não conhece
nossa vida apereada.
E a dô só é bem cantada,
cantada por quem padece.

Só canta o sertão direito,
com tudo quanto ele tem,
quem sempre correu estreito,
sem proteção de ninguém,
coberto de precisão
suportando a privação
com paciência de Jó,
puxando o cabo da inxada,
na quebrada e na chapada,
moiadinho de suô.

Amigo, não tenha quêxa,
veja que eu tenho razão
em lhe dizê que não mêxa
nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
de quá maneira se pega
num ferro pra trabaiaá,

por favô, não mêxa aqui,
que eu também não mêxo aí,
cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
é deferente da sua.
A sua rima pulida
nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
meu verso é como a simente
que nasce inriba do chão;
não tenho estudo nem arte,
a minha rima faz parte
das obra da criação.

Mas porem, eu não invejo
o grande tesôro seu,
os livro do seu colejo,
onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
e fazê rima compreta,
não precisa professô;
basta vê no mês de maio,
um poema em cada gaio
e um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
é um tá sarapaté,
que quem tem póca leitura,
lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
tanta deusa, tanta fada,
tanto mistêro e condão
e ôtros negoço impossive.
Eu canto as coisa visive
do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
com todas coisa daqui:
pra toda parte que eu ôio
vejo um verso se bulf.
Se as vêz andando no vale
atrás de curá meus male
quero repará pra serra,
assim que eu ôio pra cima,
vejo um diluve de rima
caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
de fruita de jatobá,
de fôia de gamelêra
e fulô de trapiaá,
de canto de passarinho
e da poêra do caminho,
quando a ventania vem,
pois você já tá ciente:
nossa vida é deferente

e nosso verso também

Repare que deferença
iziste na vida nossa:
inquanto eu tô na sentença,
trabaiaando em minha roça,
você lá no seu descanso,
fuma o seu cigarro manso,
bem perfumado e sadio;
já eu, aqui tive a sorte
de fumá cigarro forte
feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,
toda vez que qué fumá,
tira do bôrso um isquêro
do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
puxo por meu artifiço
arranjado por aqui,
feito de chifre de gado,
cheio de argodão queimado,
boa pedra e bom fuzú.

Sua vida é divertida
e a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
nóis dois samo bem iguá:
é no direito sagrado,
por Jesus abençoado
pra consolá nosso pranto,
conheço e não me confundo
da coisa mió do mundo
nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá
nem você invejá eu,
o que Deus lhe deu por lá,
aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
me estima com munta fé,
me abraça, beja e qué bem
e ninguém pode negá
que das coisa naturá
tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
toda cheia de razão:
fique na sua cidade
que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
já lhe dei grande conseio
que você deve tomá.
Por favô, não mêxa aqui,
que eu também não mêxo aí,
cante lá que eu canto cá.

Patativa do Assaré, Cante lá, que eu canto cá

salir de la fábrica,
meterse en un corro de mozos y mozas,
bailar la sardana,
cimbreado su talle, mostrando sus manos
de obrera y honrada.
Y la he visto en Murcia
nenica simpática!
ciñendo su busto pañuelo de encaje,
cortica la saya,
Los pies como almendras, aprisionaicos
en las alpargatas,
Llevando en las ropas el aroma sano
de los azadares y las albahacas.
Vicente Medina
sabía cantarla!
La he visto en Galicia
ruborosa y cándida,
cruzando los valles, cantando cariños
al son de la gaita.
Bajo los manzanos
me ofreció otras veces la sidra dorada
en la noble Asturias,
cuna de Pelayo, mural de la patria.
Bailé con mi novia sentidos aurreuskun
en la tierra vasca,
y a la sombra augusta del viejo Guernica
cantóme aquel himno que es voz de su raza.

Venancio Serrano Clavero 1870-1926, Mi novia – El Poder de la Palabra: www.epdlp.com

Después, junto al Ebro,
al pié del Moncayo, de cumbres nevadas,
crucé con mi novia las fértiles tierras
donde perdió antaño sus plumas el águila.
Hasta Zaragoza
me llevó mi maña
y mirando juntos la puerta del Carmen,
me dijo – Repara
si son esas piedras seguras y fuertes.
Más es mi palabra!
que llevo en mis venas sangre aragonesa
y Aragón no engaña!
Con ella otras veces crucé la fragante
huerta valenciana
donde entre naranjos y cañaverales
alza, siendo mora, su cruz la barraca,
qué hermosa mi novia con aquel vestido
de flores de grana,
hundida en sus bucles la peineta de oro,
collares de perlas sobre su garganta,
puesto en las orejas el regio prestigio
de las arracadas,
ofreciendo pródigas sus manos de nieve
claveles y rosas para la batalla!
Y he visto a mi novia
juncal y gitana
en tarde de toros

salir de la plaza,
los sedosos rizos sombreando su frente,
orlando su rostro la mantilla blanca
y entre el fino encaje, los claveles rojos,
que amores y celos, sangrientos, proclaman
la red de madroños
rodeando su claro vestido de maja
del breve zapato
surgía el encanto de la media blanca.
Detrás de la reja
por cuyos barrotes las rosas trepaban,
mi reina andaluza
oía en la esquina puntear la guitarra
y las hondas notas de una malagueña
reproche de amores,
canción de esperanza,
rugido de fiera,
resbalar de lágrimas
algo que en la dulce quietud de la noche
de los idos moros parecía el alma.

Yo tengo una novia
que novia más guapa!
Reina y labradora, señorita y chula,
obrero y manolera, creyente y gitana.
De fijo que todos la habéis conocido!
Mi novia es España!

Revoada na praia
aves tomam a partir
na tarde de outono.

Maré outonal
as ondas quebram na areia
bem devagarinho.

Ainda manhãzinha
olhares fixos na rede
esperam sardinhas.

Pendente de um tronco
a orquídea chuva-de-ouro
brilha no jardim.

Vento da manhã
os barcos pra lá e pra cá
cheio de sardinhas.

Tarde brumosa
bondinho do Pão-de-açúcar
fica invisível.

Sobre o mar do Anil
despedida de andorinhas –
o céu escurece.

